

# AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, CONTATOS LINGÜÍSTICOS E REMARCAÇÃO PARAMÉTRICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

## LANGUAGE ACQUISITION, LINGUISTIC CONTACTS, AND PARAMETRIC RESETTING IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Jacson Baldoino Silva (UEFS)

[jacsonsilva@outlook.com](mailto:jacsonsilva@outlook.com)

<https://orcid.org/0000-0003-0106-6389>

Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS)

[silvana.uefs.2014@gmail.com](mailto:silvana.uefs.2014@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-5561-3179>

**RESUMO:** Este artigo aborda a aquisição de linguagem sob a perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros, considerando a influência dos contatos linguísticos na aquisição irregular da língua e o processo de remarcação paramétrica do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro. A discussão se dá a partir do que chamamos de uma Sociolinguística Paramétrica de Contato, uma ampliação de Tarallo (1987) e Tarallo e Kato (1989), que interseccionaram a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993]) e a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Essa proposta acrescenta ao estudo de remarcação paramétrica do português brasileiro o elemento da formação sócio-histórica das comunidades de fala, principalmente as situações de contatos linguísticos vividos no Brasil Colônia e no Império, investigando como o processo de aquisição irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; SILVA; ALMEIDA, 2023), no contexto afro-brasileiro, pode ter sido o elemento propulsor da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro, tendo em vista que a aquisição de linguagem é influenciada por fatores sociais e biológicos, bem como desempenha um papel central nas mudanças linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** aquisição irregular; contatos linguísticos; remarcação paramétrica; sujeito pronominal nulo; português brasileiro.

**ABSTRACT:** This article discusses language acquisition from the perspective of the Principles and Parameters Theory, considering the influence of linguistic contacts on the irregular

*acquisition of the language and the parametric resetting process of the Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese. The discussion is based on what we refer to as a Parametric Sociolinguistics of Contact, an extension of Tarallo (1987) and Tarallo and Kato (1989), which intersect the Principles and Parameters Theory (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993]) and the Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). This proposal adds to the study of parametric resetting in Brazilian Portuguese the element of the socio-historical formation of speech communities, especially in the context of linguistic contacts experienced during Colonial and Imperial Brazil. It investigates how the process of irregular language acquisition (LUCCHESI; BAXTER, 2009; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; SILVA; ALMEIDA, 2023), in the Afro-Brazilian context, may have been the driving force behind the resetting of the Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese, given that language acquisition is influenced by social and biological factors and plays a central role in linguistic changes.*

**KEYWORDS:** *irregular acquisition; linguistic contacts; parametric resetting; null pronominal subject; Brazilian Portuguese.*

*A mudança linguística no modelo gerativista não tem direcionalidade, não tem força, não tem tendência, não tem deriva. A mudança linguística no quadro da gramática gerativa é explicada a partir da análise dos dados linguísticos feita pela criança durante o processo de aquisição. Uma vez que a criança precisa de exposição aos dados linguísticos para adquirir uma língua e só é exposta a eles se viver em sociedade, o problema da mudança paramétrica se torna, então, um problema social [...].*

Carlos Felipe Pinto e Aroldo Andrade, *Desmistificando a Gramática Gerativa como uma teoria associal e a-histórica da mudança linguística*

## **1 Introdução**

A Teoria de Princípios e Parâmetros, dentro do quadro investigativo do Gerativismo, busca determinar o que há de comum e de diferente nas línguas, considerando os *princípios* gerais que envolvem os processos de aquisição de linguagem, bem como as situações particulares nas quais essa linguagem é adquirida, o que permite a marcação diferente dos *parâmetros*, enquanto possibilidades presentes nos *princípios* universais do sistema linguístico (CHOMSKY, 1998; CHOMSKY; LASNICK (2021 [1993])). Com isso, é preciso considerar que a marcação desses parâmetros, feita em decorrência das interações linguísticas dos falantes, dá-se em um meio ambiente social permeado de nuances, ou seja, a aquisição linguística é também uma questão social, uma vez que a formatação das interações influencia diretamente na forma como determinada língua será adquirida. Além disso, enquanto questão social, é fundamental que se compreenda “os possíveis gatilhos da mudança linguística e como ela

acontece” (PINTO; ANDRADE, 2019, p. 53), a partir das interações linguísticas e “povolísticas”.

Nesse sentido, os processos de aquisição linguística são o centro da mudança linguística (LIGHTFOOT, 1999; PINTO; ANDRADE, 2019; SILVA; ALMEIDA, 2023), tendo em vista que, em decorrência das circunstâncias sócio-históricas, os dados de Língua Externa (língua-E), o *input* recebido pelo aprendiz, são interpretados de forma diferente, fazendo com que o ele constitua uma gramática de Língua Interna (língua-I) diferente daquela, o que, consequentemente, influenciará na sua própria língua-E. Esses conceitos de língua-E e língua-I dizem respeito às diferentes concepções de língua da Teoria Gerativa, sendo aquela entendida como um sistema de desempenho que possui um mecanismo gerador (CHOMSKY, 1998; CHOMSKY; LASNICK (2021 [1993])). O mecanismo gerador corresponde à língua-I, que é interna, individual e intencional, ou seja, cada pessoa possui sua própria língua-I, que compartilha parâmetros semelhantes com outros indivíduos (CHOMSKY, 1998; CHOMSKY; LASNICK (2021 [1993])).

Dessa forma, alinhando-se às discussões de Lucchesi e Baxter (2009), Lucchesi e Ribeiro (2009), Silva (2023, em andamento) e Silva e Almeida (2023), entre outros, a proposta deste trabalho é propor uma discussão sobre a necessidade de se considerar os processos de Transmissão Linguística Irregular (TLI) (LUCCHESI; BAXTER, 2009) vivenciados no Brasil como o elemento propulsor do processo de remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) no português brasileiro (PB), em razão de serem os contatos linguísticos o principal fator social que diferencia a sócio-história do Brasil da de Portugal. Nesse sentido, compreende-se que a mudança é uma questão não apenas cognitiva, mas também social.

Kapetula (2016) e Oliveira (2016) observaram que o português angolano e o português moçambicano apresentam um comportamento diferenciado no que se refere à marcação do parâmetro *pro-drop*, algo que os distancia da língua alvo, o português europeu (PE). Assim, as variedades africanas do português, assim como o PB, apresentam algum tipo de reanálise do PSN (KAPETULA, 2016; OLIVEIRA, 2016), possivelmente em razão do contato com as línguas africanas, como as da família *bantu*, e das formas de aquisição do português pelos africanos, sendo que os falantes angolanos apresentam gramáticas de língua-I diferentes, pois alguns aceitam construções com sujeito pronominal nulo, como a língua alvo, e outros não, distanciando da gramática do PE (KAPETULA, 2016). Portanto, podemos compreender que os contatos linguísticos e a aquisição irregular do português decorrente da forma como os

africanos, aqui no Brasil e nos países de língua portuguesa da África, foram obrigados a adquirir ou aprender a língua do colonizador são os elementos propulsores de um movimento de mudança paramétrica<sup>1</sup>.

Tendo em vista essas questões, discutiremos, na seção que se segue, a Sociolinguística Paramétrica (TARALLO, 1987; TARALLO; KATO, 1989), a partir da proposta de “casamento” da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993]) com a Teoria de Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), ampliando essa “união” para os pressupostos da Sociolinguística de Contato (THOMASON, 2001; WINFORD, 2003; COUTO, 1996; 2019; SAVEDRA; ROSENBERG, 2021; SAVEDRA *et al.*, 2021) – compreendendo-a como um desdobramento dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Depois, algumas questões sobre os contatos linguísticos ocorridos no Brasil e suas consequências para a formação do PB são discutidas (LUCCHESI, 2009; 2015; 2019; MATTOS E SILVA, 2000; 2004). Em seguida, a TLI é abordada enquanto elemento propulsor do processo de remarcação paramétrica do PB (SILVA, 2023; SILVA; ALMEIDA, 2023), buscando demonstrar que a aquisição irregular do português pelos africanos escravizados e seus descendentes pode ter provocado o processo de remarcação paramétrica do PB.

## **2 A Sociolinguística Paramétrica (de Contato)**

No texto seminal da Teoria de Princípios e Parâmetros, Chomsky e Lasnick (2021 [1993]) pontuaram que, nos estudos da linguagem, há problemas clássicos que devem ser considerados, dentre os quais “como é que José [sujeito genérico] adquiriu esse conhecimento [linguístico]?” (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993], p. 63). Ao fazerem essa pergunta, os autores colocam a questão do *problema de Platão*, que se interessa pela origem do conhecimento humano ou, no caso do Gerativismo, como determinado Estado Inicial<sub>0</sub> se faz presente na Gramática Universal (GU) do falante, pois a faculdade da linguagem é compreendida como esse estágio zero de aquisição, geneticamente determinado, que, por meio do *input* recebido, passa a um “estado firme relativamente estável que sofre poucas alterações” (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993], p. 58).

---

<sup>1</sup> Os estudos descritivos de variedades africanas são incipientes. Com isso, a afirmação de um movimento de remarcação paramétrica nas variedades africanas do português se baseia nos estudos de Kapetula (2016) e Oliveira (2016), que verificaram uma atuação do PSN diferente do português europeu.

No entanto, como continuam os autores, a partir dessa pergunta, “podemos seguidamente perguntar também como é que os fatores ambientais e os processos de maturação entram em interação com o estado inicial descrito pela UG<sup>2</sup>” (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993], p. 63). A concepção dos autores evidencia que, na aquisição do conhecimento linguístico, estão envolvidos processos ambientais – questões externas, não biológicas – e de maturação – portanto, questões biológicas. Contudo, por uma opção metodológica, os fatores ambientais permaneceram marginais na teoria, considerando que se trabalhava com um modelo explicativo que girava em torno de uma *comunidade linguística homogênea*.

A marginalização dos fatores externos à língua não significa a negação da sua intervenção, pois eles exercem uma influência significativa sobre o processo de aquisição, pois “toda a espécie de acidentes da história teria contaminado o sistema” (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993], p. 65), e qualquer pesquisa séria sobre aquisição linguística deve considerar tanto os fatores biológicos quanto os sociais e culturais (CHOMSKY, 1998), principalmente quando há a dominação de um povo sobre outro e a imposição de uma língua, além dos contatos forçados e massivos de línguas e povos, como ocorreu na formação do Brasil.

Tendo em vista essas questões, a Sociolinguística Paramétrica (TARALLO, 1987; TARALLO; KATO, 1989; DUARTE, 2016; 2019) apresenta uma proposta de análise que dá conta de processos de variação e mudança *intra* e *inter*-sistêmicas influenciada tanto por fatores linguísticos quanto sociais, propondo generalizações de mudança a partir de um modelo teórico-linguístico (TARALLO, 1987; TARALLO; KATO, 1989; AVELAR, 2011). Isso só é possível porque, como apontaram Lucchesi (2004) e Duarte (2019), a Teoria de Variação e Mudança precisa de uma teoria gramatical que dê base para os fatores linguísticos controlados, mas também em razão da compreensão de que “estrutural” não é sinônimo de “homogeneidade”, pois a aquisição de um sistema linguístico não é uniforme entre seus falantes, principalmente se forem levados em conta os diversos contextos sócio-históricos (fatores ambientais) nos quais os indivíduos estão inseridos (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; SILVA; ALMEIDA, 2023). Em outras palavras, a *heterogeneidade* ordenada faz parte da estrutura das línguas em todos os seus níveis (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), como podemos observar, em termos de propriedades linguísticas, no fato de a estrutura da língua portuguesa ser compartilhada entre o Brasil, Portugal e os países africanos e ao mesmo tempo ser marcada pela heterogeneidade desses países, decorrentes, principalmente, das suas diferentes formações sócio-históricas.

---

<sup>2</sup> Mesmo sendo uma tradução, a sigla, na obra, permanece do inglês *Universal Grammar*.

Dessa forma, a intersecção da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993]) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) tem como objetivo, dentro do limite de cada uma delas, descrever os fatores linguísticos e sociais que subjazem à diversidade das línguas. Ao adotar essa abordagem integrada, torna-se possível descrever os processos de variação paramétrica e, ao mesmo tempo, investigar sua relação não apenas com fatores linguísticos, mas também com fatores extralinguísticos; isso possibilita responder às questões fundamentais da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), como o encaixamento linguístico e social da mudança, abordando assim importantes aspectos empíricos.

Considerando esse “casamento” teórico, propomos pensar uma *Sociolinguística Paramétrica de Contato*, no sentido de que os fatores extralinguísticos dos processos de variação e mudança sejam buscados também na sócio-história das comunidades, principalmente nas questões de contatos linguísticos. Assim, objetivamos ampliar o campo da Sociolinguística Paramétrica utilizando-nos dos desdobramentos teórico-metodológicos existentes no campo da Sociolinguística, como é o caso da *Sociolinguística de Contato* (THOMASON, 2001; WINFORD, 2003; COUTO, 1996; 2019; SAVEDRA; ROSENBERG, 2021; SAVEDRA *et al.*, 2021). A perspectiva da Sociolinguística de Contato reconhece a relevância dos encontros entre línguas no processo de desenvolvimento de variedades linguísticas. Esses contatos linguísticos englobam desde o empréstimo vocabular até a emergência de novas línguas, como é o caso dos crioulos, além de possibilitar o surgimento de variedades linguísticas bastante alteradas (COUTO, 1996; 2019; WINFORD, 2003; HOLM, 2004).

Assim, na proposta de uma *Sociolinguística Paramétrica de Contato*, o elemento “adicional” incorporado à proposta de Tarallo (1987) e Tarallo e Kato (1989), e orientado pela Sociolinguística de Contato (THOMASON, 2001; WINFORD, 2003; COUTO, 1996; 2019; SAVEDRA; ROSENBERG, 2021; SAVEDRA *et al.*, 2021), é a consideração não apenas dos fatores sociais presentes no *aqui* da comunidade linguística, mas, e principalmente, aqueles que permitiram a sua formação enquanto *comunidade de fala* (LABOV, 2008 [1972]) ao longo do tempo, ou seja, a sua história de contatos linguísticos, bem como a sua formação sócio-histórica de maneira geral. Esses elementos são importantes para a compreensão dos processos de variação e mudança, uma vez que a tese principal da Sociolinguística de Contato é que toda mudança advém como consequência de situações de contatos, sendo, portanto, o elemento

social o propulsor dos processos de variação e mudança linguísticas, que, por sua vez, estão correlacionados aos processos de aquisição de línguas.

### **3 Os contatos linguísticos e a formação do português brasileiro**

Os contextos sócio-históricos considerados neste artigo abrangem, de maneira geral, o processo de formação do Brasil que envolveu o contato entre diferentes povos e línguas, resultando em um contexto de multilinguismo localizado (MATTOS E SILVA, 2004). Além disso, de forma mais específica, são levados em consideração os contextos de formação das comunidades quilombolas, onde os descendentes dos africanos escravizados adquiriram o português a partir de uma aquisição irregular (LUCCHESI; BAXTER, 2009; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; SILVA; ALMEIDA, 2023).

A heterogeneidade linguística dos povos africanos e sua assimilação irregular do português (LUCCHESI, 2009; SILVA; ALMEIDA, 2023) resultaram em processos de variação linguística que vão além dos observados nas variedades populares do PB (LUCCHESI, 2015), por isso a necessidade de se observar o *português afro-brasileiro* a partir das suas peculiaridades, principalmente no que diz respeito à concordância verbal e numeral (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009) – sendo aquele um fator relacionado com o processo de reconhecimento do sujeito gramatical. Devido à assimilação desigual do português pelos africanos e seus descendentes, o *português afro-brasileiro* é categorizado como uma variante popular do português falado no Brasil, porém com uma maior variação no uso de alguns aspectos gramaticais em comparação com outras variantes desse idioma, e que carrega mais diretamente as marcas dos contatos linguísticos ocorridos no Brasil (LUCCHESI, 2009; 2015). Nesse sentido, o *português afro-brasileiro* deve ser compreendido como uma variante da língua portuguesa popular que sofreu diretamente influências sociais e linguísticas das comunidades africanas, resultando, assim, em uma profunda reestruturação linguística da língua do colonizador, sem necessariamente culminar em uma criouliização (COUTO, 1996; HOLM, 2004; LUCCHESI, 2019; TARALLO, 2018 [1993]; PETTER, 2020).

Sob uma perspectiva sociolinguística, a realidade brasileira compartilha semelhanças com o conceito de *situações criouliizantes* definido por Couto (1996) e de reestruturação parcial do português proposto por Holm (2004). Nessas circunstâncias, as variedades linguísticas exibem muitas das características sociais e estruturais de um crioulo, podendo até mesmo

permanecer relativamente estáveis “devido ao fato de serem a língua materna<sup>3</sup> da comunidade” (COUTO, 1996, p. 53), porém, falta algum elemento externo ou interno fundamental que a defina, de fato, como um crioulo (COUTO, 1996). No Brasil, a proporção de falantes da língua do grupo dominante e a contínua interação dos africanos escravizados com eles atuaram como fatores inibidores da criouliização do português (COUTO, 1996; LUCCHESI, 2019), resultando apenas em traços de um contexto que pode ser considerado uma *situação criouliizante* e que possibilitou uma reestruturação do PB. É por isso que o “português popular brasileiro [variedade em que se enquadra a variedade afro-brasileira, à semelhança de uma ponta de um contínuo] também exibe uma morfologia consideravelmente reduzida em comparação ao português padrão, embora não em grau tão acentuado quanto os crioulos” (COUTO, 1996, p. 48).

Nesse contexto, o português afro-brasileiro não deve ser interpretado como um crioulo afro-brasileiro ou afro-português, mas como uma variedade do português popular que passou por significativas alterações devido às situações de contatos linguísticos (COUTO, 1996; HOLM, 2004; LUCCHESI, 2015). Para que um processo de criouliização tivesse ocorrido no Brasil, semelhante ao que aconteceu em outros países como na Guiné e no Timor Leste, seria necessário, entre outros fatores, que a população escravizada fosse segregada do convívio social da classe dominante, o que é conhecido historicamente como ilhas/regiões isoladas ou insularidade (COUTO, 1996). Tal isolamento resultaria em uma “ruptura completa na transmissão linguística do grupo dominante para outro subjugado, dentro da estrutura da sociedade colonial” (LUCCHESI, 2019, p. 229), levando ao surgimento de uma língua própria de comunicação, ou seja, um crioulo. Entretanto, no contexto brasileiro, diversas condições, entre as quais está a miscigenação e a inserção do escravizado na estrutura social, fizeram com que a população afrodescendente não fosse segregada em guetos sociais de um mundo cultural isolado do qual a formação de um crioulo linguisticamente distinto da língua dominante seria a expectativa.

Outro argumento utilizado para sustentar a hipótese de que o português não criouliizou no Brasil é baseado na ideia de que a formação de um crioulo só é possível em sociedades onde o grupo dominante não ultrapasse 20% da população total (BICKERTON, 1981; LUCCHESI, 2019). De acordo com Lucchesi (2019), tomando como base as informações demográficas de Mussa (1991 *apud* LUCCHESI, 2019), no contexto brasileiro, havia “uma proporção de

---

<sup>3</sup> Essa terminologia tem sido questionada, mas ela é utilizada aqui como referente à primeira língua adquirida.

falantes da língua do grupo dominante (30%) maior do que o limite considerado máximo para a criouliização (20%)” (LUCCHESI, 2019, p. 241). Portanto, a não criouliização do português no Brasil é consequência de uma forte presença do colonizador no território, o que possibilitou um acesso à língua alvo por parte dos escravizados.

Dessa forma, ao analisarmos a norma culta ou urbana, podemos responder de forma negativa à pergunta feita por Tarallo (2018 [1993], p. 51): “Deveria, então, a questão da suposta origem crioula do Português Brasileiro continuar sendo debatida por mais de um século?”. Isso porque se acredita que os processos de variação e mudança linguística nessa variante do português falado no Brasil foram pouco influenciados pelo contato com línguas africanas e indígenas, o que não resultou em um crioulo, nem mesmo em uma reestruturação significativa da língua, considerando as particularidades da posição social subalterna dos africanos na estrutura da sociedade colonial brasileira, resumidamente apresentadas neste texto.

No entanto, ao observarmos a norma popular brasileira – particularmente as variedades afro-brasileiras –, admite-se a possibilidade da existência de algumas variedades pidginizadas e criouliizadas como a de *Helvécia*, no interior da Bahia (FERREIRA, 1984; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), de *Cafundó*, em São Paulo (VOGT; FRY, 1996) e de *Tabatinga*, em Minas Gerais (QUEIROZ, 1998). Contudo, essas variedades não se expandiram nem se desenvolveram de maneira significativa dentro do cenário linguístico do Brasil (LUCCHESI, 2019). Em outras palavras, para se alcançar um consenso, parte-se da perspectiva de que, no Brasil, ocorreram situações com características criouliizantes (COUTO, 1996), como é o caso das comunidades quilombolas, que levaram a variedades alteradas do português (HOLM, 2004).

As circunstâncias sócio-histórias do Brasil colonial e imperial se assemelhavam bastante àquelas nas quais surgiram crioulos na América Central e no continente africano. Contudo, outros fatores, como a miscigenação, não permitiram uma criouliização do PB (LUCCHESI, 2019), gerando uma variedade significativamente reestruturada (HOLM, 2004; COUTO, 1996). Assim, se em situações nas quais diferentes povos e línguas entram em contato, são frequentes fenômenos de pidginização e/ou criouliização, devemos pensar que esses também ocorreram no Brasil, mas a possibilidade de um nivelamento linguístico (LUCCHESI, 2017) e a integração de africanos na sociedade não permitiram que o crioulo se expandisse e fixasse, permanecendo em algumas regiões como *Helvécia* (FERREIRA, 1984; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

De forma simplificada, pode-se afirmar que a pidginização e a criouliização são processos pelos quais emergem o pidgin e/ou o crioulo, sendo aquele uma forma modificada da língua usada para comunicação, a partir da qual pode surgir uma nova língua chamada *crioulo* (LUCCHESI; BAXTER, 2009; COUTO, 1996; 1998; 2019). Normalmente, a pidginização precede a criouliização, porém há casos em que um pidgin não se desenvolve em crioulo, ou um crioulo surge sem um pidgin prévio (COUTO, 1996; 1998; 2019). No entanto, Couto (2019) observa que há divergências de opinião consideráveis em relação a essa questão.

Dessa maneira, em consideração às mudanças linguísticas e transformações sociais ocorridas no contexto brasileiro e português, é imperativo adquirir uma compreensão profunda do fato de que “a evolução linguística não cessou, seja em Portugal, seja no Brasil, manifestando-se em um processo que, em algumas instâncias, seguiu trajetórias diversas e, por vezes, até contraditórias em cada lado do Oceano Atlântico” (LUCCHESI, 2015, p. 24). Nesse sentido, a exploração minuciosa da história sociolinguística do Brasil emerge como uma necessidade crucial, sobretudo quando se observa a história de comunidades quilombolas, fazendo-se necessário compreender a história social para somente depois passar à história linguística dessas comunidades, uma vez que o impacto das interações sociais incidiu sobre as formas de aquisição dos africanos escravizados e seus descendentes.

Destarte, a análise das mudanças linguísticas dentro de uma Sociolinguística Paramétrica de Contato demanda, em primeiro plano, a investigação minuciosa da sócio-história da comunidade de fala por compreender a relevância de estabelecer uma conexão intrínseca entre a mudança linguística e o contexto sócio-histórico de cada comunidade de fala, uma vez que somente através desse entendimento se torna possível uma compreensão aprofundada de todos os aspectos sociais que permeiam os processos de variação e mudança linguística (CALLOU; LUCCHESI, 2020).

#### ***4 Aquisição irregular e remarcação paramétrica***

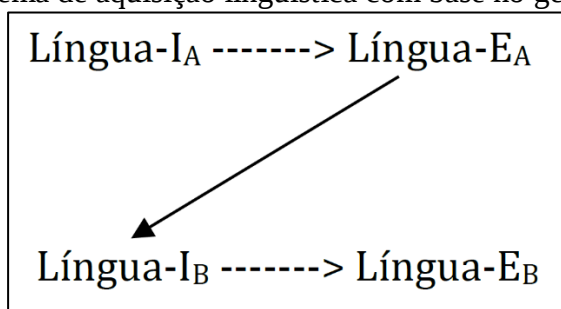
A proposta central da Teoria Gerativa é apresentar a estrutura interna do bioprograma da linguagem (RAPOSO, 1992; CHOMSKY, 1981; 1998; CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993]) que possibilita que determinada língua seja adquirida, considerando os princípios universais da linguagem e a marcação dos parâmetros desses princípios. Em outras palavras, os *princípios* são procedimentos gerativos finitos, características que toda língua natural deve

apresentar, e que podem ser marcados *parametricamente* de maneira diferentes, permitindo, assim, estruturas linguísticas diferentes. Dessa forma, o Gerativismo compreende que há línguas-I que possuem mais semelhanças do que divergências e que por isso são agrupadas por características comuns, como é o caso da concepção abstrata de *português*. Nesse sentido, *comunidades linguísticas* são “grupos de pessoas com línguas-I semelhantes” (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993], p. 60).

No início da Teoria de Princípio e Parâmetros, Chomsky e Lasnick (2021 [1993]) pontuaram a necessidade de saber, como “uma questão de natureza empírica” (CHOMSKY; LASNICK, 2021 [1993], p. 61), se a língua-I diferente/individual gerava apenas conjuntos de estruturas diferentes ou se também possibilitava línguas-E diversas. Contudo, os autores se detiveram na concepção de língua-I, deixando de lado a discussão de língua-E por uma opção teórica. Com os desdobramentos da teoria, hoje podemos compreender que as diferentes língua-I geram não apenas estruturas linguísticas diferentes, mas também línguas-E diferentes, no sentido de que a língua-E adquirida e produzida (*output*) não é a mesma do *input* recebido (PINTO; ANDRADE, 2019; SILVA; ALMEIDA, 2023), mas que são agrupadas em razão de suas semelhanças, como acontece com o PB e o PE, assim como com as variedades africanas do português.

Pinto e Andrade (2019), discutindo a Teoria Gerativa como uma questão também histórica, pontuam que os dados do *input* e do *output* divergem mesmo em uma situação típica de aquisição linguística, pois há formatações de línguas-I diferentes para cada indivíduo:

Figura 1 - Esquema de aquisição linguística com base no gerativismo



Fonte: Pinto e Andrade (2019, p. 46).

A imagem acima mostra que, mesmo no decorrer de um processo típico de aquisição, a *Língua-I\_A* do produtor do *input* não será idêntica à *Língua-I\_B* do aprendiz. Há divergências paramétricas mínimas entre essas duas línguas-I que fazem determinado falante do PB aceitar estruturas como (1) e outro lê-las como estranhas ou mesmo agramaticais. No entanto, a

despeito dessa discrepância, é possível falar em uma certa coesão linguística, embora tal coesão não deva ser interpretada como uma uniformidade absoluta (PINTO; ANDRADE, 2019).

- (1) a - Eu acho que Ø está com fome.  
(Ø = *você* → PE: √; PB: \*)  
b - Eu percebo que Ø estão cansados.  
(Ø = *vocês* → PE: √; PB: ??)
- (2) a - O João tinha dito que ele ia reclamar da decisão e a Maria também tinha dito que ela ia reclamar da decisão.  
(PE: √; PB: √)  
b - A Maria acha que ela vai ganhar a eleição e ninguém mais acredita na própria vitória.  
(PE: √; PB: √) (KATO; MARTINS; NUNES, 2023, p. 142<sup>4</sup> e 159).

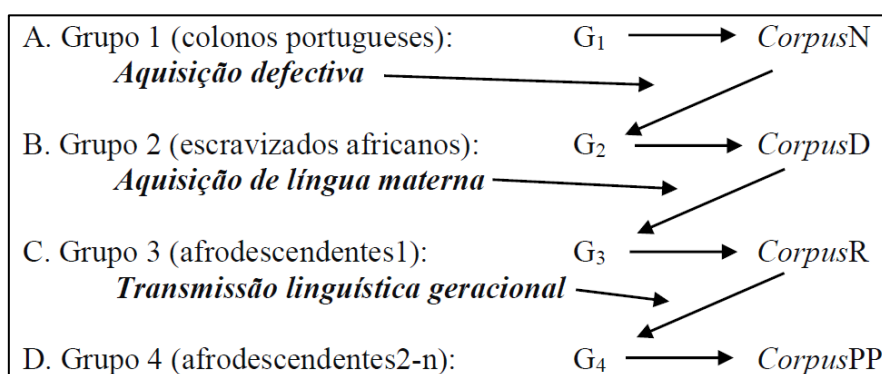
Sobre as divergências paramétricas mínimas, Kato, Martins e Nunes (2023) ressaltam que falantes de PB podem divergir com relação à agramaticalidade das sentenças de (1) e (2). Os autores comentam também que sentenças com sujeito nulo no PB, ainda que morfologicamente reconhecíveis, são cada vez mais marginais e, em muitas variedades do PB, a omissão do sujeito pronominal faz a sentença ficar agramatical – (1a) – ou estranha – (1b), sendo a realização fonética aceitável para todos os falantes de PB (KATO; MARTINS; NUNES, 2023) – como em (2a-b). Assim, e com base no esquema de Pinto e Andrade (2019), entendemos que a marcação de parâmetros de uma língua-I pode ser diferente, mesmo que os dados do *input* recebidos sejam os mesmos, sendo que essa diferença paramétrica se intensifica em situações atípicas de aquisição, como os processos de TLI ocorridos no Brasil (LUCCHESI; BAXTER, 2009; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009).

Refletindo sobre a formação do PB a partir de Robert (2007 *apud* LUCCHESI; RIBEIRO, 2009), Lucchesi e Ribeiro (2009) definem como a aquisição do PB se deu de um grupo para outro:

---

<sup>4</sup> A discussão em torno disso é extensa, por isso adaptamos os exemplos dos autores e, por questões didáticas, retiramos os colchetes que eles colocam para demarcar as fronteiras sintáticas. Para uma discussão mais completa, consulte o texto.

Figura 2 - Aquisição entre os grupos na situação de contato afro-brasileira



Fonte: Adaptado de Lucchesi e Ribeiro (2009, p. 145-146)<sup>5</sup>.

A imagem acima demonstra que a aquisição irregular é a base para a formação do PB, principalmente para o PB popular (*CorpusPP*), pois a disseminação dessa variedade se deu a partir da língua adquirida dos colonizadores ( $G_1$ ) pelos africanos ( $G_2$ ). Portanto, a formação do PB deve ser analisada como uma aquisição irregular e as implicações desses processos na reestruturação da variedade europeia, principalmente no que diz respeito à mudança na marcação do PSN, visto que os anos de escravização de africanos e suas consequências sociais e linguísticas são o “diferencial” sócio-histórico entre Brasil e Portugal.

Se uma mudança paramétrica pode ocorrer em situações típicas de aquisição (PINTO; ANDRADE, 2019), em situações atípicas como a TLI isso é o esperado, pois, na *aquisição defectiva*, o adulto, que já possui uma língua-I estável, adquire uma segunda língua sem nenhum tipo de instrução formal, por meio da audição (MATTOS E SILVA, 2004). Assim, o indivíduo que adquiriu a língua de forma irregular, por conseguinte, apresentou dados da língua-E diferentes daqueles observados no  $G_1$  (colonizadores), transmitindo essas variações linguísticas aos seus descendentes ( $G_3$ ). Como resultado, uma língua-I diversa daquela inicial (*CorpusN*) foi estabelecida como a língua materna (língua-I) de  $G_3$  e  $G_4$ . Esse cenário conduziu o  $G_4$ , representando a segunda geração de afrodescendentes, a empregar uma variante substancialmente modificada do português, culminando na formação do português popular (*CorpusPP*).

<sup>5</sup> A adaptação é a reprodução de uma já feita por Silva (2023), um dos autores deste trabalho.

Quadro 1 - Ilustração da mudança do PSN durante a aquisição linguística na situação afro-brasileira

| <i>Grupo</i>                  | <i>Input</i> | <i>Output</i>         |
|-------------------------------|--------------|-----------------------|
| Grupo 1 (colonos portugueses) | +            | +                     |
| Grupo 2 (escravos africanos)  | +            | +/-                   |
| Grupo 3 (afrodescendente-1)   | +/-          | +/-                   |
| Grupo 4 (afrodescendentes2-n) | +/-          | +/-<br>Tendência ao + |

Fonte: Silva (2023, p. 39).

A partir desse quadro, podemos pensar que o G<sub>1</sub> produziu dados no qual o PSN era marcado positivamente, permitindo apenas a omissão do sujeito pronominal. No processo de aquisição, os africanos escravizados (G<sub>2</sub>) fizeram uma releitura desses dados, ora preenchendo, ora omitindo o sujeito pronominal. Como eram adultos, com uma língua-I já estável, não havia possibilidade de uma escolha apenas para a questão do PSN, o que foi feito pelas gerações posteriores, G<sub>3</sub> e G<sub>4</sub>. Ou seja, a língua-I dos falantes desses grupos foi marcada de acordo com dados do *input*, podendo ser + ou – *prodrop*, sendo que o último teria uma tendência nítida ao preenchimento do sujeito (– *prodrop*). Acreditamos que é esse processo que está por trás das diferentes leituras do exemplo em (1) nas variedades do PB.

A modificação na marcação do valor de um parâmetro pode ter sido resultado da possibilidade dos africanos, ao longo dos quase 400 anos de escravização, terem tido acesso a gramáticas diferentes, pois conviviam com portugueses, que tinham o PE como língua-I, mas também interagiam com uma variedade linguística com características bem distintas da língua do colonizador. Isso demonstra que a transmissão ou aquisição irregular pode ter ocorrido de maneira distinta para os escravizados, considerando as suas interações, principalmente se compararmos os africanos que habitavam na corte e áreas urbanas com aqueles que permaneceram predominantemente em regiões rurais – é importante considerar que o Brasil foi, até o século passado, essencialmente uma nação de caráter agrícola (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005; LUCCHESI, 2015).

## 5 Considerações finais

A aquisição linguística, sobretudo considerando as situações de contatos linguísticos, se apresenta como um fator fundamental na gênese das variações e mudanças das línguas,

principalmente no que diz respeito à remarcação de parâmetros linguísticos. No âmbito das mudanças paramétricas, a aquisição desempenha um papel central, uma vez que os indivíduos ajustam a codificação dos parâmetros conforme a exposição a dados linguísticos distintos recebidos das gerações anteriores (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009; PINTO; ANDRADE, 2019; SILVA; ALMEIDA, 2023). Essa remarcação culmina na competição entre gramáticas de língua-I, gerando dados de língua-E que oscilam entre marcações positivas e negativas dos parâmetros.

A compreensão da aquisição como um fenômeno também social não implica no abandono do viés mentalista da linguagem no Gerativismo (PINTO; ANDRADE, 2019; SILVA, 2023; SILVA; ALMEIDA, 2023), pelo contrário, possibilita diálogos fecundos com outras disciplinas, especialmente as ciências sociais, como História, Sociologia e Antropologia, e também com outras vertentes linguísticas, como a Sociolinguística – colaboração que culminou no desenvolvimento da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989; DUARTE, 2019).

A abordagem dos processos de TLI destaca a importância de incorporar fatores biológicos e socioculturais/sociointeracionais na aquisição de línguas, uma perspectiva ecologicamente orientada (COUTO, 1996; 2019). A TLI, enquanto um parâmetro sócio-histórico, possibilita uma compreensão mais profunda da variação em traços linguísticos específicos, especialmente aqueles relacionados a gramáticas internalizadas ou a variedades substancialmente alteradas (LUCCHESI; BAXTER, 2009). No cenário de formação do PB durante o período do Brasil Colônia e Império, as diferentes formas de aquisição e/ou transmissão linguística ocorreram de maneira irregular, visto que os adultos, já proficientes em uma língua-I estável, foram expostos a uma segunda língua, adquirida apenas pela audição e sem instrução formal. Consequentemente, se a aquisição do português por parte dos africanos foi irregular, então as formas de transmissão linguística para as gerações subsequentes também deveriam ser consideradas irregulares, uma vez que esses adultos transferiram parâmetros linguísticos marcados por influências diretas de suas línguas maternas.

Assim, esses elementos coletivos sustentam a premissa de que “a aquisição de uma língua é um processo sempre impreciso, ou seja, não se pode garantir que todos os aprendizes convergirão para uma mesma gramática, mesmo a partir de um mesmo conjunto de dados primários [*input*]” (LUCCHESI; RIBEIRO, 2009, p. 144). A afirmação de Tarallo (2018 [1993]) de que não ocorreu nenhum processo de criouliização foi precoce, talvez resultado de

uma lacuna de dados, uma vez que as investigações linguísticas no Brasil eram incipientes e tendiam a focar predominantemente nas variedades urbanas. Isso aponta para a necessidade de se considerar os contextos diversos de aquisição linguística durante a formação do PB, cuja compreensão profunda desvela a complexidade e a riqueza das dinâmicas linguísticas que moldaram o português falado no país.

## REFERÊNCIAS

- AVELAR, Juanito. Expressões de Tempo Decorrente com TER e HAVER na fala carioca. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 161-180, 2011.
- BICKERTON, Derek. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna*. A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- CALLOU, Dinah; LUCCHESI, Dante. Panorama sociolinguístico do Brasil no Século XIX. In: CALLOU, Dinah; LOBO, Tânia. (Org.). *História do português brasileiro: história social do português brasileiro: da história social à história linguística*. v. 9. São Paulo: Contexto, 2020. p. 258-277.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. Brasília: UnB, 1998.
- CHOMSKY, Noam; LASNICK, Howard. A Teoria de Princípios e Parâmetros. In: CHOMSKY, Noam. *O Programa Minimalista*. Tradução Eduardo Paiva Raposo. São Paulo: Editora Unesp, 2021 [1993]. p. 57-214.
- COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. Um cenário para crioulização sem pidginização. *Revista Estudos da Linguagem*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2181/2120>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. Sociolinguística “paramétrica”. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (Org.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 33-44.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *Guavira Letras*, Três Lagos/MS, v. 15, n. 31, p. 124-140, set./dez. 2019. Disponível em: <https://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/download/868/606>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: EDUFBA, 1984. p. 21-32.

HOLM, John. *Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KAPETULA, José Gueleka Kandjandja. *Interpretação dos sujeitos nulos no Português Angolano*. 2016. 77f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2016.

KATO, Mary; MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. *Português brasileiro e português europeu: sintaxe comparada*. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIGHTFOOT, David. *The development of language: acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell, 1999.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 44-73. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, n. 33, v. 2, p. 347-382, p. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/34369/23622>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LUCCHESI, Dante. Por que a criouliização aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 48, p. 227-255, jan.-abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33628/19615>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-153. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza. Teoria da estrutura e da mudança linguística e o contato linguístico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 125-153. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas revisitados. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 25-26, p. 253-283, 2000. Disponível em: [https://www.prohpor.org/files/ugd/c8e334\\_7dff1a6b8adc463981676db73b62da8d.pdf](https://www.prohpor.org/files/ugd/c8e334_7dff1a6b8adc463981676db73b62da8d.pdf). Acesso em: 30 mar. 2023.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

OLIVEIRA, Victor Mateus Santos de. *A expressão do sujeito nulo no português de Moçambique*. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação Linguística, Campinas, 2016.

PETTER, Margarida. Para uma história social das línguas africanas no Brasil. In: CALLOU, Dinah; LOBO, Tânia (Org.). *História do português brasileiro: história social do português brasileiro: da história social à história linguística*. v. 9. São Paulo: Contexto, 2020. p. 126-155.

PINTO, Carlos Felipe; ANDRADE, Aroldo. Desmistificando a Gramática Gerativa como uma teoria associal e a-histórica da mudança linguística. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 36-66, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1891>. Acesso em: 30 mar. 2023.

QUEIROZ, Sônia. *Pé Preto no Barro Branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SAVEDRA, Mônica; ROSENBERG, Peter. *Estudos em sociolinguística de contato*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

SAVEDRA, Mônica *et al.* Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. *Cadernos de Linguística*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 01-28, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/315/415>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, Jacson Baldoino. *Efeitos da mudança sintática na realização do sujeito pronominal no português da comunidade quilombola Mussuca*. 2023. 130f. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2023.

SILVA, Jacson Balduino; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. A Transmissão Linguística Irregular como elemento da remarcação paramétrica do sujeito nulo. *Revista Missangas: Estudos em Literatura e Linguística*, Salvador, v. 4, n. 7, 2023.

SILVA, Jacson Balduino Silva. *A remarcação paramétrica no português brasileiro: caminhos sociolinguísticos do português popular do interior da Bahia*. Orientadora: Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, em andamento.

TARALLO, Fernando. Por uma sociolinguística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe. *Ensaio de Linguística*, São Paulo, v. 13, p. 51-83, 1987. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/download/7205/6205>. Acesso em: 30 jun. 2022.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. São Paulo: Contexto, 2018 [1993]. p. 29-53.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. Harmonia trans-sistêmica: variação intra e interlinguística. *Predição 5*, Campinas, p. 315-353, 1989. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/download/3849/2827>. Acesso em: 30 jun. 2022.

THOMASON, Sarah. *Language contact: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó: A África no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

WINFORD, Donald. *An Introduction to Contact Linguistics*. London: Wiley-Blackwell, 2003.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Artigo submetido em: 07 ago. 2023

Aceito para publicação em: 12 out. 2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.134603>